

## Camadas

A exposição inaugural da Casa Tato 5 tratou de encontros, ao mesmo tempo estimulantes e fortuitos, entre os 14 artistas participantes do programa. Seis meses depois, há o acúmulo de experiências, trocas e novas possibilidades, como se fosse serapilheira — a camada fértil de matéria orgânica que se deposita e se decompõe no solo da floresta. *Camadas* traz um conjunto de reflexões sobre aquilo que nos cerca e que nos é constitutivo: natureza, comunidades e parcerias, húmus, água, nutrientes.

Quatro espelhos bastante comuns de **Caíque Costa** recebem os visitantes para a exposição, indicando que, de alguma maneira, fazem parte dela. À direita, **Liane Abdalla** apresenta pinturas e desenhos sobre madeira, que mimetizam seus veios: obras em que a matéria é mais que suporte. À esquerda, **Sara Bittante** representa todo o universo que há embaixo d'água e também os organismos que insistem em sobreviver em meio à destruição, dialogando com uma tradição construtiva da arte brasileira; **Márcia Rosa** chama de *Plástico* uma aquarela com peixes, ao mesmo tempo exuberantes e com a aparência de estarem mortos; investiga fragmentos de uma árvore e imprime flores numa prensa que, iluminadas criam um estranho organismo. Nas pinturas de **Consuelo Vezarro**, formas geométricas parecem dançar no espaço, fluidas, feitas de pigmentos naturais. Juntas, as obras do mezanino formam um conjunto de visões sobre a natureza — real e imaginada —, sugerindo algo incompleto, em constante transformação.

Na primeira sala, a questão humana é abordada de maneira mais evidente, mas igualmente incompleta, com os interiores vazios de **Federico Guerreiros**, nos quais a luz entra sem que ninguém as veja; as fotografias-montagens de **Caíque Costa** que registra os passos na areia, marcas que rapidamente se apagam na paisagem. **Lucas Quintas** convida os espectadores a moverem os pesos suspensos, criando desenhos no espaço. Um pequeno São Jorge de **Justino** e um grande painel de pessoas imaginadas, trazem reflexões sobre saúde, bem-estar, medos e dúvidas, sentimentos aguçados pela recente pandemia. Esculturas moles e diáfanas de **Eliane Gallo** parecem suspender, ainda mais, as certezas. A materialidade das obras opera como uma metáfora para as camadas de tempo e de memória.

Na segunda sala, há um mergulho nas entranhas do corpo, físico e social. **Sofia Saleme** trata de acidentes, adoecimento e resiliência. A folha de ouro nos desenhos remete à tradição japonesa de lidar com o imperfeito, com as fraturas que se acumulam ao longo da vida. (Mas, no Brasil, como não pensar no acúmulo de mercúrio que o garimpo de ouro promove, nos corpos já fragilizados, nas águas, nos animais?) **Lucy Copstein** traz reflexões sobre a história, que não é universal, mas fragmentada — e muitas vezes violenta —, inscrita em objetos cotidianos e (aparentemente) banais. **Lucas Quintas** entrelaça fios coloridos de polipropileno para criar ilusões ópticas, em que as cores se misturam apesar de permanecerem intactas. Há outras duas obras de **Liane Abdalla**, que trazem o movimento vivo do interior da madeira; **Patrícia Lopes** rememora uma viagem à África do Sul, em camadas de pinturas, texturas e transparências, como se aquela experiência se tornasse pele.

## GALERIA TATO

---

Ao final, **Sheila Ortega** materializa o acúmulo fértil e instável: empilha objetos de várias naturezas numa instalação que estabelece relações com o entorno: objetos encontrados no bairro e oferecidos pelos artistas da Casa

juntam-se àqueles acumulados ao longo do tempo. Apesar de efêmera, a obra também se fixa em pintura, criando um estranho rebatimento, como um espelho distorcido. **Renata Sandoli** reflete sobre a vida interior das mulheres e o contraste com sua existência na superfície das imagens. Não por acaso, elas são jovens, magras e brancas, como nas capas de revista. Nesta última sala, há outro trabalho com os fios coloridos de **Lucas Quintas** e também outra pintura da série África, de **Patrícia Lopes**. Em ambos os casos, há um sutil deslocamento de significado, que se estabelece a partir das relações entre as obras, que nunca existem isoladas do mundo e daquilo que as cerca.

*Camadas* sugerem que as relações entre obras, pensamentos, pessoas, animais e objetos interagem constantemente, e que nenhum significado é inequívoco. Mostra o resultado de seis meses de trabalho dos artistas e aponta para novas possibilidades de arranjos; futuras camadas que também se assentarão no solo fértil.

**Mariana Leme**

**Artistas:** Caíque Costa, Consuelo Vezarro, Eliane Gallo, Federico Guerreros, Justino, Liane Abdalla, Lucas Quintas, Lucy Copstein, Márcia Rosa, Patricia Lopes, Renata Sandoli, Sara Bittante, Sofia Saleme, Sheila Ortega.

Rua Doutor Veiga Filho, 100, Higienópolis – São Paulo, SP

**Período expositivo: 30/04 a 29/05/2022 | Quarta a Domingo das 13h às 19h**

[www.galeriatato.com](http://www.galeriatato.com) | [@galeriatato](https://www.instagram.com/galeriatato)

## **Encontro às cegas**

Em muitos momentos da vida nos encontramos em situações onde não conhecemos ninguém mesmo quando reunidos por um mesmo propósito. É movida por esta sensação estranha, curiosa e ao mesmo tempo instigante que a exposição se organiza. Se por um lado grande parte das(os) artistas não vive em São Paulo (embora tanto a exposição, como a Casa Tato estejam localizadas na capital paulista), por outro lado é no espaço virtual próprio dos encontros online que esta mostra germina. Pois, por mais que as(os) artistas não sejam familiares umas(uns) para as(os) outras(os), não há dúvidas em afirmar que é pela arte que estão aqui. Desta forma, é possível pensar na união deste time de artistas por meio da expressão “encontro às cegas”. Uma vez que, tal qual propõe o próprio título da exposição, esta apresenta artistas com pesquisas e produções distintas entre si, que se reúnem pelo amor à arte. É com este norte que são expostos alguns dos trabalhos mais expressivos de cada um, a fim de compartilhar um pouco da produção destes artistas da melhor forma possível.

A respeito dos trabalhos, estes variam em linguagem, investigação e técnica, trazendo um panorama das múltiplas possibilidades de se trabalhar com arte contemporânea. Em síntese, é bonito perceber como aquilo que surgiu de um encontro às cegas foi capaz de amadurecer enquanto relação ao ponto de hoje se apresentar de forma afetuosa e honesta nesta exposição coletiva.

Dito isto, começamos pelos trabalhos de Ana Gentil, que por meio de suas habilidades pictóricas cria perspectivas que abrem novos planos pela construção da reta, do retilíneo e do geométrico. Seguindo na geometria, as pinturas de Suzana Barboza atuam de forma oposta e complementar às de Gentil: a reta finita de Gentil e o círculo infinito de Barboza. No mesmo universo das formas, temos a escultura de Leo Teo, que através de um estado de brincadeira traz, uma vez mais, a ideia de infinito. E de Ana para Anna, vem Anna Guerra que deixa evidente que mesmo tendo saído do nordeste para o sudeste, este não deixou de sair dela. Combinando cores vibrantes e formas orgânicas, seu trabalho nos convida a adentrar sua cultura. Resgatando sua essência, Claudia Costa transforma pegadas em caminhos por ela e por outros percorridos; numa grande ciranda. Trazendo também experiências pessoais para dentro de sua produção, Jamila Maria Bali dá voz àquilo que uma vez foi silenciado. Em outras palavras, são mulheres que curam pela arte. Por este mesmo caminho, Liane Roditi evoca a intensidade do seu corpo feminino a fim de romper paradigmas e encontrar a liberdade, de maneira fluida e espontânea. Com uma fluidez semelhante, o trabalho de Samantha Tiussi tensiona os limites entre a delicadeza e o risco, deixando o corpo de vidro experimentar a dança e a música. Mesmo movimento que pode ser visto nos copos de papel de Malu Tigre, que vai do entusiasmo à obsessão, do corte à colagem, enxergando arte em todos os lugares. Dando luz a chocante beleza que há em todos e nos mais variados corpos, Fepe Camargo evidencia a urgência em abordar questões de gênero e sexualidade. Enquanto isso, o emaranhado de fios e cartas de Ivana Paim remete a uma confusão simbólica e mental daquilo que a permeia. Já Márcia Carmona pinta bibliotecas repletas de livros que nunca poderão ser lidos e nem desvendados. Por sua vez, Jussi Szilágyi e Tiago Marchitello se expressam por meio de uma pintura abstrata em que cores e gestos livres caminham ao encontro da espiritualidade. Há um mistério a ser percorrido nestes trabalhos.

# GALERIA TATO

---

E quantas coincidências podem acontecer em um encontro às cegas? Ao ver a reunião desse grupo de artistas percebemos que muitas. Sendo por acaso ou não, um encontro às cegas as (os) colocou no mesmo lugar, no mesmo momento para que suas semelhanças dialogassem.

**Paula Borghi e Maria Eduarda Mota**

**Artistas:** Ana Gentil, Anna Guerra, Cláudia Costa, Fepe Camargo, Ivana Paim, Jamila Maria Bali, Jussi Szilágyi, Leo Teo, Liane Roditi, Malu Tigre, Márcia Carmona, Samantha Tiussi, Suzana Barboza e Tiago Marchitiello.

Rua Doutor Veiga Filho, 100, Higienópolis – São Paulo, SP

**Período expositivo: 30/04 a 29/05/2022 | Quarta a Domingo das 13h às 19h**

[www.galeriatato.com](http://www.galeriatato.com) | [@galeriatato](https://www.instagram.com/galeriatato)